



PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: OS VÍDEOS CURTOS COMO ESTRATÉGIA EDUCACIONAL

KNOWLEDGE PRODUCTION: SHORT VIDEOS AS AN EDUCATIONAL STRATEGY

Maria Aparecida Fialho Fontanari Martinez¹

RESUMO

A produção de vídeos curtos tem sido altamente utilizada tanto em ambientes educacionais quanto para o entretenimento. Eles têm se mostrado como um recurso metodológico altamente eficaz, não somente no que diz respeito à aquisição de conhecimento, mas pelo encantamento que produz, face à grande aceitação desses entre os estudantes e professores. No referencial teórico, foram abordados autores que tratam da produção audiovisual na escola como estratégia educacional e suas possibilidades, destacamos: Bona (2021), Duarte (2009), Moran (1995), Morettin (2009), Silva (2007), Thiollent (2022), entre outros. O objetivo proposto foi a busca do conhecimento através da produção de vídeos curtos pelos alunos e organização de um momento que denominamos de “Lumis Festival” com o intuito de assistirmos, refletirmos e debatermos a respeito das produções realizadas. A partir de uma abordagem metodológica qualitativa foi utilizada a pesquisa ação, conforme Thiollent (2022). A análise dos dados, está em processo de construção, pois a pesquisa ainda está sendo desenvolvida, pois foi proposta uma segunda etapa de produções, face à primeira ter sido experimental e muito produtiva, foi solicitado pelos alunos, após o debate, o desejo que realizarem as produções novamente, tendo como foco outros assuntos, para que se desafiem nessas propostas. Os resultados até o presente momento são satisfatórios e, análise será feita quando do término da segunda etapa, que conforme já mencionado está em andamento. Dessa forma, entende-se que a presente pesquisa ampliou o repertório sobre a produção de vídeos curtos na escola, salientando seus potenciais para uma produção dinâmica do conhecimento. Para trabalhos futuros, indica-se o estudo das possibilidades de ampliação do uso dessa ferramenta metodológica como estratégia na educação básica brasileira.

Palavras-chave: educação; vídeos; estudantes; audiovisual.

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/ FURB - Universidade Regional de Blumenau. Santa Catarina. Brasil. E-mail: cidinhafontanari@gmail.com

ABSTRACT

The production of short videos has been widely used both in educational settings and for entertainment. They have proven to be a highly effective methodological resource, not only in terms of knowledge acquisition but also in the delight they bring, given their widespread acceptance among students and teachers. In the theoretical framework, various authors were discussed who address audiovisual production in schools as an educational strategy and its possibilities, including: Bona (2021), Duarte (2009), Moran (1995), Morettin (2009), Silva (2007), Thiollent (2022), among others. The proposed objective was to seek knowledge through the production of short videos by students and to organize an event we call the "Lumis Festival" with the intention of watching, reflecting upon, and discussing the productions created. A qualitative methodological approach was used, following Thiollent (2022), and data analysis is still in progress as the research is ongoing. A second phase of productions was proposed, as the first one was experimental and highly productive. After the discussion, students expressed a desire to create productions again, focusing on different topics to challenge themselves further. The results so far have been satisfactory, and a comprehensive analysis will be conducted upon completion of the second phase, which, as previously mentioned, is ongoing. Thus, it is understood that this research has expanded the knowledge base regarding the production of short videos in schools, highlighting their potential for dynamic knowledge production. For future work, it is recommended to explore the possibilities of expanding the use of this methodological tool as a strategy in Brazilian basic education.

Keywords: education; videos; students; audiovisual.

RESUMEN

La producción de videos cortos ha sido muy utilizada tanto en entornos educativos como de entretenimiento. Han demostrado ser un recurso metodológico muy eficaz, no solo en lo que respecta a la adquisición de conocimientos, sino también por el encanto que producen, dada su gran aceptación entre estudiantes y profesores. En el marco teórico se abordaron autores que abordan la producción audiovisual en la escuela como estrategia educativa y sus posibilidades, destacamos: Bona (2021), Duarte (2009), Moran (1995), Morettin (2009), Silva (2007), Thiollent (2022), entre otros. El objetivo propuesto fue la búsqueda del conocimiento a través de la producción de videos cortos por parte de los estudiantes y la organización de un momento que denominamos "Festival Lumis" con el fin de ver, reflexionar y debatir sobre las producciones realizadas. A partir de un enfoque metodológico cualitativo, se utilizó la investigación-acción, según Thiollent (2022). El análisis de los datos se encuentra en proceso de construcción, debido a que la investigación aún se está desarrollando, debido a que se planteó una segunda etapa de producciones, ya que la primera fue experimental y muy productiva, se solicitó por parte de los estudiantes, luego del debate, el deseo de volver a realizar las producciones, enfocándose en otros temas, para que se refuercen en estas propuestas. Los resultados hasta el momento son satisfactorios y el análisis se realizará al final de la segunda etapa, que como ya se ha hecho mencionado está en curso. Así, se entiende que la presente investigación amplió el repertorio sobre la producción de videos cortos en la escuela, destacando

su potencial para una producción dinámica de conocimiento. Para futuros trabajos, se indica el estudio de las posibilidades de ampliar el uso de esta herramienta metodológica como estrategia en la educación básica brasileña.

Palabras clave: educación; videos; estudiantes; audiovisual.

Resumo Expandido recebido em: 20/01/2024

Resumo Expandido aprovado em: 13/03/2025

Resumo Expandido publicado em: 19/03/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/redes.v2ianais.5172>

1 INTRODUÇÃO

Ao falarmos em produção de vídeos curtos, há que se fazer uma menção sobre o histórico do cinema. Para isso, nos deslocamos para o século XIX, mais precisamente no ano de 1895, em Lyon (França). Os irmãos Auguste e Louis Lumière, criaram um aparelho denominado cinematógrafo, com ele produziram as primeiras imagens em movimento no mundo, o filme foi intitulado “A saída da fábrica Lumière em Lyon” e essas tinham a duração de 1 minuto. Esse então foi o marco oficial do cinema mundial.

No Brasil, as primeiras imagens em movimento foram produzidas no ano de 1898, na Baía de Guanabara, pelo italiano Afonso Segretto e teve a duração de 1 minuto. De lá para cá o cinema evoluiu e muito, se renova com as novas tecnologias em uma velocidade vertiginosa.

A dinamicidade da sétima arte é tanta, que ela engloba todas as demais, incluindo a educação e, dentro dessa perspectiva, suas relações, os debates e estudos têm se alavancado cada vez mais, podendo-se dizer que o ver e fazer cinema na escola já faz parte de seu currículo, sendo parte integrante das competências gerais da BNCC.

Mas, as relações entre cinema e educação (Duarte, 2009; Bona, 2021) já vem de longa data, mesmo que inicialmente de forma indireta por retratar escolas, professores e alunos, ou seja, a diversidade de situações que ocorrem em um ambiente educacional. Assim sendo, o ambiente escolar saiu da esfera de protagonista, passando a autoria das mais diversas situações, quando adentrou nas escolas como função pedagógica.

Nesse sentido, Duarte (2009, p. 76) complementa que:

Insisto que o uso do cinema com fins pedagógicos exige que se conheça pelo menos um pouco da história e teoria do cinema.

[...] Seria bom que todas as Universidades e escolas tivessem espaços e equipamentos adequados para a exibição regular de filmes, com uma programação orientada tanto para o entretenimento (o prazer de ver é o ponto de partida) quanto para o ensino de história e teoria do cinema.

[...] Mas se queremos uma educação de qualidade para todos, em todos os níveis, não podemos nos contentar com o mínimo.

A autora, faz referência ao cinema como fim pedagógico e aponta a necessidade de termos conhecimento de sua teoria e história, para que os professores e alunos possam ter uma educação do olhar para além do filme, para que realmente esse cumpra com seu propósito educacional.

Essas propostas iniciais de exibição de filmes na escola com fins educacionais ultrapassou as paredes da sala de aula e os muros da escola, quando alunos e professores deram início às propostas de produção audiovisual na educação.

O que parecia pertencer somente aos grandes estúdios de cinema, passou a ser parte integrante de muitos espaços educativos, tanto formais quanto não formais. Um dos fatores responsáveis pela introdução do fazer cinema na escola é a constante busca pela inovação na área da educação, pois essa muitas vezes é deixada de lado pelos alunos que a veem como algo ultrapassado, sendo necessário essa busca pelo “novo fazer pedagógico” constantemente.

Atrelado a essas “buscas” está o aluno protagonista, que nos últimos anos tem ganhado muita notoriedade nos espaços escolares, principalmente no sentido de valorizar seus saberes de mundo e, muitos trazem consigo as experiências digitais, que já estão incorporadas a eles desde que nascem, visto que são chamados de “nativos digitais”.

Muitos educadores perceberam que nesse meio digital há um grande “boom” no que se refere à produção de vídeos curtos que tanto sucesso fazem nas redes sociais e porque não aliarmos esse formato à educação.

Então, isso nos remete aos primórdios do cinema, como citado anteriormente e a alguns festivais de cinema denominados de “Festival de Minuto”, “Minutos Lumière”, enfim denominações diversas, mas com a finalidade de divulgação de

vídeos curtos, pois apesar de parecer um tempo muito pequeno, ao direcionarmos nosso olhar e organizarmos um roteiro, muita coisa pode ser dita e contada.

Nessa perspectiva, percebemos que esse formato de vídeo, denominado de “vídeos curtíssimos” no que se refere à metragem filmica, encontrou-se um grande aliado para a educação, pois ele se transforma em um universo de possibilidades quando pensamos no fazer pedagógico, ressignificando assim nossas práticas.

Apesar de assistirmos e todos esses cenários e possibilidades, ainda há muita resistência quando se fala que a linguagem e a produção audiovisual são tão importantes para a educação quanto a literatura, por exemplo. Nesse sentido, Silva (2007) diz que:

Há inclusive, quem diga que a hegemonia incontestável do livro começa a ser balada pela presença cada vez mais expressiva da imagem. Algumas universidades abriram as portas para cursos de cinema, conscientes de que se trata de uma arte de valor equivalente ao da literatura, em termos de importância. Mas o reconhecimento do valor educativo, instrucional e não só artístico da produção cinematográfica é ainda muito restrito, existindo, por isso, uma grande lacuna, em termos educativos, nessa área da cultura (Silva, 2007, p. 58).

Corroborando com essa quebra pela resistência por parte de muitos, Moran (1995):

Vídeo como expressão, como nova forma de comunicação, adaptada à sensibilidade principalmente das crianças e dos jovens. As crianças adoram fazer vídeo e a escola precisa incentivar o máximo possível a produção de pesquisas em vídeo pelos alunos. A produção em vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Moderna, como um meio contemporâneo, novo e que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos. Os alunos podem ser incentivados a produzir dentro de uma determinada matéria, ou dentro de um trabalho interdisciplinar. E também produzir programas informativos, feitos por eles mesmos e colocá-los em lugares visíveis dentro da escola e em horários, onde muitas crianças possam assisti-los (Moran, 1995, p. 31).

Ao seguir essas linhas de pensamento, nosso projeto teve como objetivo geral incentivar os estudantes a produzirem conteúdos educacionais e, como específicos conhecer possibilidades de produção audiovisual, incentivar a autonomia e proatividade dos alunos, mapear as possibilidades interdisciplinares através dessas

produções de forma a contribuir na construção dos conhecimentos tanto historicamente produzidos quanto os de seus saberes e vivências de mundo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao abordarmos o tema cinema e educação, com ênfase na produção de vídeos curtos intencionando a produção do conhecimento, encontramos vários referenciais que relacionam esse tema, aqui apresentaremos alguns que são mais significativos e que, com suas abrangências sustentam teoricamente nosso estudo.

Ao tratarmos do cinema na educação, importante salientarmos a importância da criação de sentidos provocados por essa ferramenta produtora de conhecimento, nesse sentido, Duarte (2002, p. 74):

[...] o contato com filmes produz, num primeiro momento, apenas imagens – entendidos aqui como marcas, traços, impressões, sentimentos – significantes que serão lentamente significados depois, de acordo com os conhecimentos que o indivíduo possui de si próprio, da vida e, sobretudo, da linguagem audiovisual. O domínio progressivo que se adquire dessa linguagem, pela experiência com ela, associado a informações e saberes diversos significa e ressignifica indefinidamente as marcas deixadas em nós pelo contato com narrativas fílmicas.

As palavras de Duarte, nos levam às percepções provocadas em nossas individualidades, pois, após termos nos debruçado e nos foi permitido experimentar essas vivências cinematográficas, não voltamos a ser como éramos antes delas, são experiências que deixam marcas em nosso ser.

Em relação à essas percepções, que são despertadas a partir do momento em que os professores incluem essas possibilidades pedagógicas em seus planejamentos e projetos, pois o professor, segundo Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia* nos fala da boniteza de ser professor e da relação com os sentidos provocados por ele, tanto em si mesmo quanto nos dos seus alunos, dizendo que “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (Freire, 1997, p. 160), explicitando, dessa forma, as relações do professor, alunos e a produção de sentidos, ele ainda nos diz que a razão deve ser uma competência molhada de emoção.

Nessa busca pela produção de sentidos, Celso Vasconcellos nos diz:

[...] o sentido não está pronto em algum lugar esperando ser descoberto. O sentido não advém de uma esfera transcendente, nem da imanência do objeto ou ainda de um simples jogo lógico-formal. É uma construção do sujeito! Daí falarmos em produção. Quem vai produzir é o sujeito, só que não de forma isolada, mas num contexto histórico e coletivo [...]. Ser professor, na acepção mais genuína, é ser capaz de fazer o outro aprender, desenvolver-se criticamente. Como a aprendizagem é um processo ativo, não vai se dar, portanto, se não houver articulação da proposta de trabalho com a existência do aluno; mas também do professor, pois se não estiver acreditando, se não estiver vendo sentido naquilo, como poderá provocar no aluno o desejo de conhecer? (Vasconcellos, 2001, p. 51-52).

Percebe-se, dessa forma, o quão fundamental é o papel que a produção de sentidos exerce na construção dos sujeitos, tanto individuais quanto na coletividade, pois ninguém produz nada de forma isolada, é na interação entre os sujeitos que acontece não somente a construção do conhecimento, mas também as relações sociais assim se formam, definindo as individualidades através do coletivo, possibilitando aflorar emoções sentidos, ressignificando saberes, agregando valores éticos e morais na vida dos que têm a oportunidade de vivenciar tais experiências educacionais.

Essas emoções, tão fundamentais nos processos de aprendizagem, não podem ser instâncias separadas, nos diz Wallon, sendo elas parte no ato de conhecer.

Nesse sentido, Gadotti (2011, p. 71) tece referências ao professor como um 'profissional do encantamento:

Num mundo de desencanto e de agressividade crescentes, o novo professor tem um papel biófilo. É um promotor da vida, do bem-viver, educa para a paz e a sustentabilidade. Não podemos abrir mão de uma antiga lição: a educação é, ao mesmo tempo, ciência e arte. A arte é a "técnica da emoção" (Vygotski). O novo profissional da educação é também um profissional que domina a arte de reencantar, de despertar nas pessoas a capacidade de engajar-se e mudar.

Ressaltamos dessa forma, a importância fundamental do papel do professor para a produção não só do conhecimento, como também produtor de sentidos e, têm-se nas relações do cinema com a educação um excelente aliado.

Nessas relações de cinema-educação-professor-estudante, Fresquet (2013, p. 93):

[...] dificuldades que a educação encontra hoje, marchando através de grades curriculares pouco flexíveis, cujos conteúdos fragmentados dificilmente dialogam entre si, em aulas que estão menos voltadas para a aprendizagem

do que para o preenchimento dos requisitos das avaliações que os governos propõem, visando a índices de rendimento acadêmico.

Depreende-se que, as dificuldades que a educação impõe em relação a todos esses “cumprimentos”, engessam a escola e conseqüentemente os currículos, revelando assim, o importante papel que o cinema exerce como dispositivo de produção de conhecimentos para que se possa “fugir” dessas imposições e, assim mesmo, estarmos realizando a produção de conhecimento de forma prazerosa e significativa.

Fresquet (2013), ainda nos fala a importância de as escolas públicas estarem se engajando nos processos educacionais filmicos e, para isso, sugere que esse deveria estar nas escolas como agente cultural, do aprender e desaprender, não como sentido de mensurar a aprendizagem, mas de oportunizar vivenciar experiências dessa magnitude que é tanto a produção audiovisual quanto o ver filme, tendo como pressuposto a criação de significados.

Nesse mesmo sentido, Bergala (2008), amplia os sentidos inspirando-se em Godard, intencionando problematizar as relações entre cultura e arte, sendo que a primeira aparece como regra e a outra como exceção. Dessa forma, os encontros entre cinema e educação como produtores de arte, seria uma forma de criação a ser apreendido.

Sendo assim, Bergala (2008), cineasta e professor francês, também atuou como conselheiro e consultor, no projeto denominado “Plano de cinco anos”, do Ministério da Educação da França, que intencionava a introdução da arte cinematográfica na escola, inicialmente com a transmissão de trechos cinematográficos no espaço escolar, surgindo o que foi chamado de “pedagogia do fragmento”, buscando-se não a decodificação do filme, mas a busca das sensações e do olhar do cineasta quando da criação dos filmes, elevando o ver cinema na escola a um patamar de vivência cultural e iniciação à arte.

Desde então, o cinema na escola tem ocupado espaços cada vez maiores, tanto que o ver dividiu espaços com o fazer, inclusive vários são os festivais de cinema estudantis que tem encontrado cada vez mais adeptos, face ao grande envolvimento que há de professores, estudantes, inclusive muitas vezes também encontra

colaboradores nas comunidades escolares que de uma forma ou de outra, mesmo como coadjuvantes, envolvem-se nessas produções educacionais.

Ainda pensando nas relações entre cinema e educação, nos reportamos ao artigo de Miranda, Coppola e Rigotti (2006) em que é traçado um paralelo do cinema com o livro de Comenius “*Orbis Sensualium Pictus*”, obra considerada como o primeiro livro ilustrado para fins didáticos, aqui citado pelos autores pelas aproximações entre ambos:

O cinema, então, assim como o livro de Comenius, coloca as coisas do mundo numa sequência de imagens e numa arquitetura de lugares que não servem apenas para a compreensão da história que está sendo narrada. Este arranjo fílmico é um arranjo didático, em que o espectador, ao concentrar-se na história, aprende a olhar para o mundo, criando com as imagens uma visão de mundo, uma visão do mundo, das coisas do mundo e do que é importante para cada uma das coisas, ou seja, formas de valoração do mundo (Miranda; Coppola; Rigotti, 2006).

Essas aproximações são fundamentais para que possamos entender as proporções tomadas pelas imagens do fazer cinematográfico na educação, tanto quanto no que se refere à leitura das imagens quando apreciamos uma produção já pronta, quanto a que temos a plena satisfação de estar compondo juntamente com os pares na escola.

Sendo assim, as tecnologias digitais que estão aí, circulando diariamente em nossa vida, são um aparato que nos proporcionam não somente sermos agentes passivos do cinema, como também ativos dessa poderosa ferramenta educacional e, nesse sentido Benjamin afirma:

Diante dessa segunda natureza [a técnica], que o homem inventou, mas há muito não controla, somos obrigados a aprender, como outrora diante da primeira. Mais uma vez, a arte põe-se a serviço desse aprendizado. Isso se aplica em primeira instância ao cinema. O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana. Fazer do gigantesco aparelho técnico do nosso tempo o objeto das inervações humanas – é essa a tarefa histórica cuja realização dá ao cinema seu verdadeiro sentido (BENJAMIN, 1993, p. 174).

Diante do exposto, acredita-se nas potências das diversas pedagogias que englobam o fazer e o ver cinema, sendo que estas exercem um papel fundamental na construção do conhecimento, pois ambos, tanto o fazer quanto o ver produzem

sentidos e significados aos partícipes do processo cinematográfico, principalmente quando lhes é oportunizado participar do ato de criação audiovisual, criando-se cenários pedagógicos repletos de trocas de experiências e conhecimentos tanto formais quanto de mundos.

2.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A referida pesquisa está sendo desenvolvida em escola pública de dois municípios do norte de Santa Catarina, nas cidades de Blumenau e Itajaí, com turmas do ensino fundamental. Essas são desenvolvidas nas disciplinas de forma interdisciplinar, englobando as disciplinas de Língua Inglesa, Literatura, Geografia, História e Artes.

2.2 AMOSTRA

A população partícipe dessa pesquisa, são adolescentes com idades compreendidas entre 13 e 16 anos de idade, das turmas de 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental e, em média são 90 alunos envolvidos direta e indiretamente no processo, pois os que não desejam participar como atores das produções realizadas atuam como roteiristas, diretores, editores dos vídeos realizados, colaborando dessa forma para uma educação ativa.

2.3 INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO

A avaliação do referido projeto no que se refere à atuação dos estudantes é realizada de forma conceitual e processual, de acordo com a participação e interesse de cada um durante a produção cinematográfica de cada grupo, essas serão levadas em consideração quando do término do projeto (que ainda se encontra em andamento) e servirão como instrumentos para a análise dos dados finais.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O referido projeto está se desenvolvendo por intermédio de uma pesquisa-ação (Thiollent, 2022) de natureza qualitativa, pois essa, quando aplicada na educação permite ampliarmos o repertório pedagógico na produção de informações e conhecimentos.

Ela parte do reconhecimento de uma situação a ser experienciada, para que se proponha uma ação possível que possa melhorar as condições de uma determinada situação, aqui no caso, as formas como relacionar o conhecimento formal de forma prazerosa e significativa para os estudantes.

Nessa perspectiva, essa está se desenvolvendo a partir da provocação aos estudantes a respeito de suas curiosidades, o que os inquietava em relação ao conhecimento e que desejavam desenvolver em formato de vídeo, que foi a ferramenta escolhida democraticamente entre os envolvidos: professores pesquisadores e estudantes.

Nesse formato os estudantes são também pesquisadores pois, para que possam desenvolver os seus vídeos, faz-se necessário que produzam um roteiro de acordo com o seu tema, após são realizadas as produções: gravação e edição.

Na sequência foi organizado o momento que chamamos de “Lumis festival”, esse nome foi escolhido em homenagem aos Irmãos Lumière. Nesse momento foram apresentados os vídeos produzidos e debatidos entre os envolvidos. Face ao grande sucesso e encantamento produzido por essa ferramenta, foi solicitado pelos envolvidos que pudessem realizar novamente essas produções tendo como mote uma outra temática. Sendo assim, os alunos estão realizando outras pesquisas que são parte integrante do roteiro do vídeo que será produzido por cada grupo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados ainda não estão finalizados, pois a presente pesquisa ainda se encontra em fase de desenvolvimento. O que temos são prévias do que foi relatado e percebido pelos alunos até o momento, que serão descritos a seguir: inicialmente quando foi proposto o projeto para a produção de vídeos curtos, a receptividade deles

foram vistas de formas diferentes, houve os que ficaram empolgados e outros que ficaram resistentes, mas à medida que foi se desenvolvendo, todos quiseram aderir à essa forma dinâmica de produção do conhecimento, sendo solicitado uma extensão do mesmo no que se refere ao tempo de aplicabilidade.

Percebe-se um cenário de engajamento ético por parte dos alunos, a prática de cidadania também tem sido uma constante, pois eles procuram auxiliar uns aos outros, tanto nos momentos de pesquisa dos assuntos, quanto da gravação e edição dos temas escolhidos.

Os resultados serão devidamente analisados e disponibilizados após o término do referido projeto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido ao engajamento dos estudantes com a produção do conhecimento, tendo como aporte pedagógico os vídeos curtos, percebe-se que essa ferramenta pedagógica vem ao encontro

Após a finalização desse projeto, espera-se que os envolvidos tenham uma percepção diferente a respeito da escola e de suas possibilidades de aprendizagem e ascensão por intermédio da educação, pois essa quando se torna significativa para os estudantes, há uma outra visão do campo educacional. De acordo com a receptividade e envolvimento dos alunos até o presente momento, espera-se que haja engajamento de mais professores em relação à utilização da produção audiovisual na educação.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BONA, Rafael José. **Comunicação e educação**: intertextos, reflexões e propostas. 1.ed. Curitiba: Appris, 2021.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar e aprender com sentido. 2.ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

MIRANDA, C. E. A.; COPPOLA, G. D.; RIGOTTI, G. F. **A Educação pelo cinema**. Educação e Cinema, Campinas, 2006. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/>. Acesso em: outubro de 2023.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, n. 2, p. 27-35, jan./abr. 1995. Disponível em: <http://revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131/38851>. Acesso em abr. 2023.

MORETTIN, Eduardo. Uma história do cinema: movimentos, gêneros e diretores. In: **Cadernos de Cinema do Professor**: luz, câmera, educação. São Paulo, 2009. Disponível em: [caderno_cinema2_textos_web.indd \(fde.sp.gov.br\)](#). Acesso em: maio 2023.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa ação**. São Paulo: Cortez, 2022.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. São Paulo: Libertad, 2001.